

José Alencar a Construção de um Vencedor¹

Eduardo Jamnik Frumento²

Igor Sacramento³

Resumo

José Alencar foi vice-presidente do Brasil, mas ficou conhecido do grande público pela sua luta contra o câncer e a positividade ao enfrentar a doença. Com uma trajetória de vida profissional de muitas conquistas, ele foi amplamente reconhecido como alguém que, mesmo sofrendo com uma doença grave, não se abalou, conquistando, assim, a compaixão e torcida do brasileiro pela melhora do seu quadro clínico. Analisando a biografia escrita pelo jornalista José Roberto Burnier, este trabalho reflete sobre as marcas da linguagem terapêutica deixadas na construção de um “guerreiro”.

Palavras-chave: biografia; José Alencar; câncer; jornalismo; linguagem terapêutica.

Introdução

Com a discussão sobre a constitucionalidade da necessidade de permissão para o lançamento de biografias, iniciada em 2013 por expoentes da vida cultural e intelectual brasileira (como Roberto Carlos, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Djavan, Erasmo Carlos, Chico Buarque e Milton Nascimento), muito se comenta sobre a censura e a procura dos biografados em esconder determinadas histórias de vida e do suposto direcionamento de abordagens impostas aos biógrafos. Entre tantos debates a lei permanece inalterada, mantendo a liberdade de expressão e a livre circulação de biografias não autorizadas. Os cantores fundaram o grupo *Procure Saber*, que, segundo Paula Lavigne, trata-se de uma iniciativa para manter a produção e comercialização de biografias somente sob a autorização prévia do biografado ou de seus parentes, em caso de falecimento. A formação do grupo foi motivada em torno da discussão provocada pela proibição de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da ECO-UFRJ, email: eduardofrumento@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da ECO-UFRJ, email: igorsacramento@gmail.com

Roberto Carlos da biografia *Roberto Carlos em detalhes*, escrita por Paulo Cesar Araújo em 2007.

Ainda em vida, José Alencar, ex-vice-presidente do Brasil, permitiu à escrita e apoiou a iniciativa de José Roberto Burnier referente à elaboração de uma biografia sobre sua trajetória. Tanto política como empresarial, sem deixar de lado o tratamento para a superação do câncer, acompanhada em rede nacional pela mídia e de enorme relevância pública por se tratar do segundo mais importante cargo do Executivo.

Fugindo da polêmica atual das biografias, o livro *Os últimos passos de um vencedor – Entre a vida e a morte, o José Alencar que conheci* foi lançado em 2011, meses após a morte do biografado. Devido ao pequeno tempo que separa a morte do biografado ao lançamento da biografia (oito meses), o livro se destaca em uma seara de homenagens póstumas realizadas no ano de falecimento do vice-presidente.

José Alencar faleceu em 29 de março de 2011, aos 79 anos. Com uma longa história de vida, desde o primórdio interiorano mineiro até o posto máximo da presidência da República. Passando pela ascensão social e profissional como empresário o vice-presidente ficou conhecido não como um trabalhador em busca de melhores condições, mas sim, como um eterno lutador contra o câncer. Alencar submeteu-se a 18 cirurgias para retirada de tumores e a mais uma dezena de procedimentos em busca de cura e prolongamento da vida.

Descrito como um grande vencedor e admirado por sua batalha contra uma doença que apareceu pela primeira vez em 1993, mas que se tornou importante apenas após ele subir a rampa do Planalto. José Alencar Gomes da Silva é lembrado não como mais um vice-presidente, mas como aquele que ganhou a admiração dos brasileiros pelo lado afetivo e emocional do paciente com câncer e não necessariamente pelos seus muitos méritos.

A construção desse personagem, pautado pela doença e que atinge notoriedade depois de chegar ao poder é o centro do estudo desse artigo que pretende analisar as marcas deixadas pelo biógrafo, caracterizando a construção do símbolo de admiração no “guerreiro” José Alencar.

O livro

Projetado por José Roberto Burnier, jornalista e repórter da TV Globo, a biografia do vice-presidente nasceu após uma entrevista emocionada dada por Alencar, que após mais uma cirurgia para retirada de tumores agradecia ao apoio recebido por parte do povo brasileiro e reafirmava sua disposição em continuar na busca pela cura do câncer no abdômen.

Em um misto de biografia com diário, o jornalista descreve a vida íntima de Alencar, desde o nascimento até a morte. Intercalado aos pontos que marcam a história de vida do biografado o escritor narra os encontros com o vice-presidente e confidencia os dilemas do trabalho de pesquisa do livro. Seguindo uma narrativa livre, o autor mistura a narração em terceira pessoa com a descrição dos fatos em primeira pessoa, destacando momentos da fala de Alencar, transcrevendo os diálogos trocados durante a fase de entrevistas para a elaboração da biografia.

Já no título é possível notar a busca por uma reflexão sobre a vitória alcançada por Alencar, que mesmo debilitado pela doença foi um exemplo para aqueles que acompanharam a saga do vice-presidente pela vida. Também no título, existe a menção da convivência entre biógrafo e biografado que se torna tema importante no livro e de grande relevância para a construção biográfica de Alencar ao revelar detalhes dos bastidores das internações. Ao desanuviar o que se passou nos últimos momentos de vida da autoridade política e a luta dos médicos em proporcionar sempre tratamentos agressivos que possibilitassem a recuperação de José Alencar, o jornalista destrincha a obscuridade dos problemas de saúde da figura pública política, grande parte envolta em segredos de estado.

Memória

A trajetória de José Alencar é narrada a partir de uma digressão do dia da morte e a posterior descoberta do câncer que seria o principal motivo para as internações sucessórias e a causa da morte do vice-presidente. José Roberto Burnier inicia sua narrativa evidenciando os momentos finais de vida do biografado. Com detalhes sobre hora do falecimento, com a presença da família e com os sinais vitais em queda, era chegada à hora de noticiar ao país que o homem que passou a ser companhia frequente

no noticiário hospitalar havia morrido. Há uma mistura nesse início entre a experiência profissional do biógrafo e os últimos momentos de vida do biografado.

Burnier parte do falecimento do biografado para esmiuçar, após a morte de Alencar, os acontecimentos de vida que destacam o vice-presidente como profissional e político, quebrando a ordem cronológica dos fatos. Nesse sentido, a morte de José Alencar é tanto o ponto de partida para a retrospectiva da vida do biografado como o ponto de chegada da história do homenageado pelo livro.

Com detalhes sobre o momento da morte e dos desafios para conseguir dar esse furo jornalístico o repórter descreve, no primeiro capítulo intitulado “O fim”, a correria e o passo a passo que separou o momento da confirmação da morte, estando ele presente no quarto da UTI e junto dos médicos responsáveis pelo então paciente, como jornalista e biógrafo, e a entrada ao vivo do hospital para comunicar ao país o falecimento do ex-vice-presidente.

Os acontecimentos que resultaram ao link jornalístico foram detalhados no início da biografia e a linguagem usada no momento pelo repórter (presente em partes na biografia) foi alvo de estudo em artigo de autoria de Alessandro Alves da Silva e Rosiane Moreira da Silva que descreveram e analisaram, na íntegra, todo o texto e os recursos de imagem utilizados no plantão televisivo em que o furo noticioso foi repassado ao público. Ao abordar a enunciação representada pelo objeto de estudo é observado algo que é recorrente durante a biografia estuda aqui.

As coberturas jornalísticas, as homenagens, os conjuntos de textos que são produzidos em função desse acontecimento discursivo, os vários enunciadores autorizados pela ordem do discurso que são convocados para falar sobre este fato, enfim, vários enunciados – Foucault não se prende apenas ao linguístico: ele também considera as materialidades imagéticas como enunciados. (ALVES DA SILVA; SWIDERSKI, 2012, p.04)

Embora a biografia esteja materializada em livro, devido à abrangência pública da figura de Alencar, em vários momentos o biógrafo recorre aos enunciados televisivos, também por ser o meio para o qual trabalha o autor. Durante toda a narrativa são lembradas as entrevistas veiculadas pela TV Globo, tanto nos telejornais da emissora e produzidas pelo biógrafo na figura de repórter, como ao Programa do Jô, que apresentou um bom espaço para Alencar expor sua trajetória de vida. Devido à internet

esse material audiovisual citado pode ser consultado no site da emissora e funciona como comprovante para aquilo que se descreve no livro. Na biografia também estão presentes cartas e bilhetes enviados por anônimos do público e familiares para Alencar, ao serem reproduzidos na biografia fica confirmado o papel documental da memória de Alencar enunciada pelo livro.

Ao servir como modelo de documentação da memória do vice-presidente, por apresentar além da trajetória do biografado os detalhes mais íntimos da vida de Alencar a biografia se confirma como integrante da contemporaneidade marcada pela efervescência da memória, descrita por Beatriz Sarlo (2007). Além disso, a memória para Sarlo remonta a uma narração da experiência, exatamente como presente no objeto desse estudo.

Essa descrição dos acontecimentos ocorridos nos momentos de depoimento do biografado ao biógrafo e o detalhamento da rotina de Alencar acompanhada por Burnier seja no aspecto profissional ou pessoal remonta ao perfil das biografias atuais que estão a serviço dos leitores para desvendar segredos e mistérios íntimos que separam a vida pública da privada das autoridades biografadas, com afirma Benito Bisso Schmidt (1997). Ao estudar as diferenças entre biografias de historiadores e jornalistas (caso estudado aqui) o pesquisador destaca a liberdade ficcional presente nos escritos dos biógrafos jornalistas, que seguem uma escrita mais fluida e com menor necessidade de comprovação e explicação daquilo que está sendo revelado do biografado. Para Schmidt esses enfoques apresentados pelos jornalistas estão inseridos no movimento do *new journalism*, em que se buscou uma aproximação do fazer jornalismo com a literatura, antes restrita aos grandes autores ficcionais.

O câncer

Como chefe de Estado José Alencar tinha uma série de atribuições e benesses típicas ao alto escalão governamental, o vice-presidente contava com casa e carro oficial, além de uma grande estrutura de comunicação e segurança que o cercavam. A permissão para a biografia foi pensada cuidadosamente e levada adiante após muito se pensar sobre o jornalista que estava prestes a conceber o livro, assim também ocorreu com as entrevistas exclusivas e as informações apuradas pelo repórter sobre o quadro

clínico do paciente ilustre. Por se tratar de um político não poderiam ocorrer favorecimentos para um determinado repórter ou determinada empresa de comunicação, no caso a TV Globo.

Alencar sempre foi transparente com sua doença, dando declarações e assumindo suas fraquezas na luta contra o câncer. A grande repercussão do caso, por se tratar de uma grande figura política chamou a atenção da mídia e dos brasileiros.

O mineiro que chegou à presidência descobriu um câncer na próstata quando ainda não figurava no meio político, porém como os caminhos seguidos o levaram ao Congresso Nacional, como senador, e depois ao Planalto, por duas vezes como vice-presidente a saúde de José Alencar virou notícia e uma fonte de transformação na percepção do público para com o então empresário.

Com uma trajetória no mundo dos negócios, trabalhando desde muito cedo, antes de completar 18 anos, e com grandes sonhos de crescer na vida a história de Alencar por si só já mereceria destaque. O menino pobre que saiu do interior para alcançar sucesso como empreendedor na cidade grande em uma época de desigualdades enormes. Alencar casou-se, teve filhos (duas mulheres e um homem) e proporcionou aos pais condições melhores de vida com o dinheiro que ganhara nos negócios.

Ainda jovem, antes dos 30 anos, perdeu os pais e o irmão mais velho. Mãe e irmão em decorrência do câncer, mesma doença que mais tarde viria a tirar sua vida. Construiu um colosso têxtil, a Coteminas, da qual se orgulhava imensamente, e se aventurou em negócios que bem trabalhados geram lucros até hoje.

Ao entrar no mundo político, José Alencar se tornou senador após uma eleição tumultuada e cheia de acordos partidários internos. No Congresso Nacional foi traído pelos pares ao ser incentivado a candidatar-se e não receber votos na disputa pela presidência do Senado Federal. Fez-se conhecido em Brasília e ao conhecer o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi alçado ao posto de vice na chapa petista que ganhou as eleições presidenciais de 2002. Reelegeu-se em 2006 junto com Lula.

Com essa história de vida já seria possível montar uma grande biografia que revelasse mais sobre esse personagem que saiu dos confins mineiros para se fazer

conhecido no Brasil inteiro, porém o câncer, uma doença particular e que já havia feito vítimas na família Gomes da Silva, sobressaiu-se e foi colocado no posto máximo da trajetória de José Alencar.

Usada como digressão pelo biógrafo o câncer no abdômen e as dezenas de tumores que foram retirados de Alencar em vários procedimentos cirúrgicos fizeram do vice-presidente alguém conhecido pelo sua força de vontade e pela sua entrega ao trabalho e a família, mesmo passando por um tratamento exaustivo. E é esta imagem, de um homem imbatível e que segue a vida mesmo nas adversidades que se sobressai na biografia de Alencar.

Identificado o câncer e o problema de saúde o livro se constrói em um paralelo de memórias da infância e dos tempos interiorano aos passos do tratamento e procedimentos a que o paciente ilustre é submetido, como uma espécie de diário de campo dos procedimentos adotados em Alencar. Tratado como “guerreiro” e “vencedor” na construção do seu ethos, em especial na biografia analisada, Zezé (apelido de infância e adotado pelo autor para aproximar o biografado ainda mais do leitor) ganhou a admiração do público por sua “vontade de viver”. Na biografia cartas escritas por admiradores de Alencar ilustram o sentimento de carinho e muito respeito pelos momentos difíceis vivenciados pelo político.

O câncer aparece retratado na biografia como um “grande desafio”, um “bicho”, um “adversário de vida” que precisa ser vencido. Usando dessas palavras e dedicando um grande espaço para revelar os tratamentos a que o vice-presidente havia sido submetido, o biógrafo transfere para os tumores o principal percalço a ser ultrapassado na vida de José Alencar, renegando a um segundo plano a história de vida e os acontecimentos que levaram o mineiro ao Planalto. Prova do grande destaque a doença e ao uso dela para moldar a vida do biografado se configura na distribuição do conteúdo da biografia. As primeiras páginas e capítulos são dedicados à exposição da descoberta, dos desdobramentos e das chances de cura para uma doença que assustava pela agressividade e velocidade com que se espalhava.

O nascimento e crescimento de Alencar estão descritos na primeira parte do livro, intercalados com os bastidores dos depoimentos colhidos e os desdobramentos do

câncer conforme avançava o trabalho de pesquisa que originou o livro. Na segunda parte da biografia é que aparece o ímpeto empreendedor e as aventuras empresariais que levaram José Alencar a se estabelecer como um dos grandes e bem sucedidos empresários brasileiros. É também na segunda parte que aparece a incursão na vida política e os desdobramentos que levam o biografado ao segundo posto do Executivo, assim como os últimos dias e as outras tentativas para o prolongamento da vida do vice.

O espaço e destaque maior dedicado pelo autor são ao tratamento e acontecimentos que cercam as decisões dos médicos e os rumos adotados no tratamento. O câncer se configurou como o ponto de partida para a narrativa de vida de Alencar e a doença se destacou na trajetória dele ao aproximar Alencar do noticiário e do reconhecimento público. A morte é o ponto final de uma história que começa a ser contada pela doença.

A imagem que se constrói para Alencar é de alguém que sofreu com o câncer, ganhou visibilidade com a doença ao ser notícia constantemente, ganhou a admiração da população pela sua força de vontade em viver, e como complemento apresenta uma longa história de vida pautada no trabalho e na busca por uma condição de vida melhor.

Entendendo a memória como elemento constituinte da identidade social, que é construída individual e coletivamente e que é submetida a flutuações de contextos pessoais e sociais, pressões e preocupações do presente, nota-se que a identidade não remonta à essência de um indivíduo ou de um grupo, mas a consensos provisórios construídos a partir de certas imagens e valores. (SACRAMENTO, 2009, p.141)

A biografia escrita por Burnier colabora na criação de uma identidade de um homem bom que lutou contra a doença e a venceu como possível até seu falecimento, porém a abordagem televisiva do tratamento e da vida de José Alencar contribuiu para a construção da imagem muito ligada a doença que o acometeu, reforçando os aspectos destacados na biografia estudada. O uso de uma linguagem terapêutica e o uso de certos conceitos por Alencar nos depoimentos aproximou-o ainda mais daqueles que torciam pela sua recuperação, conquistando a simpatia dos brasileiros.

Terapêutica

Na biografia de Alencar o autor destaca muito a força mental do biografado e destaca esta como a responsável por manter-lo saudável e sempre determinado na busca

pelo câncer que o tomara. “A força mental, que tanto o ajudou na vida, estava ali de prontidão para ajudá-lo a continuar lutando por ela” (BURNIER, 2011, p.33) nessa passagem fica demonstrada a dimensão que se dá a um sentimento, sem comprovação médica, como capaz de ajudar o paciente a vencer mais uma “batalha” da vida. Também nesse trecho se destaca a importância dada a “força mental” nas conquistas profissionais e pessoais de José Alencar. Nessa visão, além do trabalho como fundamental para as conquistas materiais a força de vontade ocupa importante papel nas glórias em vida.

Reconhecido como um homem dócil e com boa imagem perante a sociedade, Alencar ganhou, ainda mais, a admiração daqueles que o acompanhavam pelo noticiário ao estar sempre bem disposto e nunca entregar os pontos no longo processo do tratamento contra o câncer e nas inúmeras internações. A mensagem exposta no trecho aqui destacado da biografia do vice-presidente confirma a grande presença de uma linguagem terapêutica, de aceitação da doença, que ajuda a consolidar a figura pública de um “vencedor”. Confirmando ainda mais essa perspectiva o autor classifica os cinco momentos de maior desafio ao longo do processo da doença e destaca que a depressão, fase que atinge a muitos que estão em tratamento não foi capaz de atingir Alencar pelo seu “otimismo e vontade de vencer”.

Nesse sentido, Eva Illouz (2012) afirmou que o discurso sofreu ao longo do tempo até os dias recentes uma transformação para a ordem terapêutica e que o reconhecimento da doença é um instrumento na definição da imagem da pessoa, confirmando as observações aqui feitas, em que o biografado é retratado como alguém de enorme positividade e que usa sempre palavras que parecem sair de um livro de autoajuda, onde a força do pensamento e a confiança na recuperação podem levar o paciente a ter uma melhora no quadro clínico. Illouz destaca que, atualmente, vive-se por meio de ethos da autoajuda em que a responsabilização pela vida que se tem está, unicamente, centrada no indivíduo, pois todos nascem com saúde e o que ocorre no decorrer da vida é uma procura por uma atualização do viver feliz e conformado pelo que se está vivenciando. A potencialidade do câncer na definição da trajetória de vida de Alencar e o costumeiro uso da linguagem de força de vontade como mais um artifício que pode ser encontrado nos escritos de Burnier definem muito do homem que se está biografando.

Nesse sentido, a narrativa terapêutica satura um amplo espectro de gêneros midiáticos; ou seja, faz a incitação da mídia constante para se encenar confissões, conversas íntimas, testemunhos e envolvimento emocional, forjando modos coletivos de empatia, invocando fantasias de transformação e construindo modelos de sucesso e de saúde. Mais do que estimular a competição sempre presente, os dispositivos midiáticos se configuram como um estímulo constante à superação de si mesmo, provocando um estado contínuo de mal-estar em relação ao próprio desempenho, que não se dá apenas no contexto do trabalho, mas também nas relações sociais, emocionais e sexuais e no cuidado de si. O sucesso, dessa forma, parece ser o objetivo principal da vida, e cada uma das esferas dela serve para criar uma persona vencedora, que não deve apenas ostentar os resultados de uma vida economicamente resplandecente, mas mostrar-se totalmente inserida no mapa da visibilidade social de modo extremamente feliz, uma vez que até mesmo a felicidade se tornou imperativa na sociedade contemporânea (FREIRE FILHO, 2010). É, por conseguinte, vigente a “moral do mais forte, do mais poderoso” (PRADO, 20013, p.115). Assim, durante um contexto social com esta configuração, não é difícil imaginar o alargamento do individualismo e, portanto, a perda do sentido de laços sociais passo a passo substituídos por laços de consumo. Se o modelo do ideal humano é para ser vendido porque o vencedor, feliz, a sua antítese, portanto, é o perdedor, sofredor.

Já reconhecido em vida como um exemplo na forma de viver e pelo fato de sempre investir para a melhora do estado de saúde, José Alencar foi reconhecido em sua biografia como o homem que deixou para trás a tristeza e as adversidades para se render ao eterno viver e nunca desistir de seguir em frente e “lutando”.

Descrito como alguém de coragem Alencar abusava do otimismo e assim ele é destacado no livro. Ao descrever um momento delicado do tratamento, na realização de uma complexa cirurgia e com alto risco de morte, fica demonstrado mais uma vez o uso linguagem altamente positiva em que o sentimentalismo é mais valorizado do que a técnica cirúrgica.

Entre os médicos havia uma sensação cada vez menor de esperança. Nada do que tinham tentado havia contido “o bicho”. Alencar percebeu isso e, assim que a maca chegou ao centro cirúrgico, olhou para todos e disparou: “Tem alguém desanimado aqui? Porque, se

tiver, pode sair. Aqui não é lugar para desânimo. Eu estou muito confiante. Vamos em frente!”.

Mas explícito, impossível. O paciente queria muito mais do que a técnica daquela equipe; queria que todos acreditassem e lutassem com ele. (BURNIER, 2011, p. 47)

A positividade de Alencar e sua confiança em Deus e nos preceitos católicos também estão presentes na biografia e refletem muito da moral cristã em que está envolto o vice-presidente. Pedindo sempre aos céus a recuperação e a vitória contra o câncer, durante todos os momentos de entrevistas e agradecimento ao público que acompanhava a “batalha” de Alencar, descritos com detalhamento nas páginas do livro, ele parecia calmo e com mensagens de otimismo capazes de o ajudarem a superar as fraquezas. Nos momentos de confissão ao biógrafo o biografado afirma que sempre pedia humildade para lidar com a doença e o carinho recebido da população, pois assim ele estaria cumprindo o seu papel em vida.

Com essas afirmações na biografia de Alencar se aumenta o teor terapêutico e a emotividade na vida do vice-presidente, emoção já demonstrada e que ajudam na construção de um grande “vitorioso” que veio a falecer em decorrência do câncer, mas que se manteve sempre íntegro e confiante na recuperação, aumentando sua identificação como o homem que vence as adversidades e se transforma em símbolo de humildade e esperança mesmo nos momentos de maior pressão da morte.

Conclusão

A biografia de José Alencar se caracteriza como um importante centro de memória da trajetória de vida do homem que chegou ao Planalto, mas que conquistou os brasileiros depois de enfrentar o câncer com otimismo e humildade.

A forma de escrita na elaboração da biografia, destacando a doença e a sobrepondo em relação às conquistas profissionais do biografado, cria um sentimentalismo na história de vida de Alencar. O câncer retratado como um “bicho” e “adversário de vida” ganha projeção em relação ao homem descrito como “vitorioso” e “guerreiro” da vida por enfrentar a doença de “cabeça erguida”, sem medo, sem fugir do assunto e demonstrando enorme positividade na conquista de um prolongamento da vida e a cura dos tumores que o levaram 18 vezes ao centro cirúrgico.

Descrito como alguém que nunca fugia do trabalho, nem com os abalos da doença, Alencar se sobressai como um homem que venceu as fraquezas impostas pela doença para conquistar um lugar de compaixão junto ao público brasileiro. Durante a biografia muito se fala sobre a torcida do público pela recuperação do vice-presidente e a humildade do homem que recebia o carinho das ruas com muita atenção.

A linguagem terapêutica, representada pela positividade e confiança de Alencar aparece no livro como uma forma de conforto do homem que enfrenta os efeitos dos remédios e do tratamento imposto pelos médicos sem reclamar e apontando sempre em direção de um futuro otimista. Assim a biografia analisada se posiciona em conformidade com a contemporaneidade de efervescência do terapêutico. Invocando pela divindade e expondo a moral cristã que envolve o biografado fica demonstrado todo o aspecto religioso por trás da alegria de Alencar e sua conformidade com a doença e possibilidade de morte.

Nos momentos finais de vida o biografado se declara pronto para morrer, mas ao mesmo tempo pede mais tempo para ver os netos se formarem. A despedida antes do pretendido acontece devido ao câncer, que marca a trajetória de Alencar e faz dele um personagem político estigmatizado não pelas suas idéias e trajetórias, mas pela luta em continuar vivendo, mesmo em meio a tantas internações e procedimentos cirúrgicos, muitas vezes, dolorosos.

Referências bibliográficas

ALVES DA SILVA, Alessandro; SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva. Textos imagéticos e acontecimentos discursivos: a história acontecendo diante dos nossos olhos. **Revista Linguagem (DT)**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2012. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/ensaios/002.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2014.

BURNIER, José Roberto. **Os últimos passos de um vencedor – Entre a vida e a morte, o José Alencar que conheci**. São Paulo: Editora Globo, 2011.

FREIRE FILHO, João. O anseio e a obrigação de ser feliz hoje. In: ____ (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ILLOUZ, Eva. Sofrimento, campos afetivos e capital afetivo. In: _____. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

PRADO, José Luiz Aidar. Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais. São Paulo: Educ/Fapesp, 2013.

SACRAMENTO, Igor. Memórias póstumas de Dias Gomes. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p.133-150, 2012.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: _____. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FVG, v. 10, n. 19, 1997.